

Implicações do design na repercussão de notícias sobre causas indígenas no Brasil¹

Marina de Andrade FÁVARO²

Tarcísio Torres SILVA³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP

RESUMO

Esta pesquisa tem como escopo os movimentos sociais indígenas no Brasil a partir da perspectiva do design. Esta linguagem tem contribuído para dar maior visibilidade à causa indígena dentro e fora do país, tanto no que diz respeito às pautas principais como a datas significativas para o movimento. O design ativista indígena tem ganhado força através de artistas, designers e atores como o coletivo *Design Ativista* (@designativista). Como método, mapeamos os principais profissionais atuantes nesse contexto bem como a repercussão do design na mídia tradicional a fim de compreender a importância desse tipo de linguagem para alavancar a bandeira nas redes sociais e veículos noticiosos.

PALAVRAS-CHAVE: Design; Movimento Indígena; Ativismo; Jornalismo; Brasil.

CORPO DO TEXTO

O *Instagram*, rede social que tem como base o compartilhamento de fotos e vídeos, é uma das principais ferramentas de divulgação de design ativista no Brasil. É nesse cenário que se destaca a atuação do *Design Ativista* (@designativista), projeto idealizado pela *Mídia NINJA* e *IdeaFixa* durante as eleições de 2018 com a finalidade de incentivar a criação e a distribuição de arte e informação.

Sendo uma ação social com efeitos no coletivo, o design colabora para a visibilidade de narrativas não hegemônicas nas redes, como a indígena. Ao tornar determinadas causas mais notórias, ele assegura os interesses democráticos, haja vista

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Comunicação, Espaço e Cidadania do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Estudante de Graduação 5º. semestre do Curso de Jornalismo da PUC-Campinas e Bolsista de Iniciação Científica FAPESP (processo 2022/07430-0), email: marina.af6@puccampinas.edu.br

³ Professor pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas, e-mail: tarcisio.silva@puc-campinas.edu.br

que favorece a discussão de acontecimentos do país e do mundo, além de dar visibilidade às pautas principais e datas significativas do movimento em questão.

É através das ferramentas digitais que o ativismo transcende os limites e as barreiras geográficas. Nesse sentido, a apropriação das tecnologias é uma das características do atual ativismo indígena, que utiliza os veículos comunicacionais como espaço de voz, resistência, memória e denúncia, além de combater preconceitos e estereótipos.

Também é importante considerar que devido ao potencial criativo das imagens veiculadas e a lógica do algoritmo nas redes, as peças artísticas têm grande poder de alcance, o que potencializa a visibilidade da bandeira. Todavia, para além da repercussão no *Instagram*, os veículos da mídia tradicional também utilizam o poder do design nas matérias noticiadas, o que revela o espaço e, conseqüente, repercussão que o design ganhou nos últimos anos.

A fim de compreender a complexidade e a diversidade da temática, realizamos a revisão bibliográfica sobre o movimento social e indígena no Brasil, com destaque para os aspectos históricos, comunicacionais e midiáticos a partir de Bicalho (2010), Groys (2017), Gohn e Milhomens (2018) e Salomão (2021).

Ademais, a partir da construção de uma tabela⁴, mapeamos e identificamos os principais atores artísticos da causa, sejam indígenas ou não-indígenas. Os dados foram coletados entre novembro de 2022 e janeiro de 2023, e o mapeamento levou em consideração os anos de governo do ex-presidente da República Jair Messias Bolsonaro, período que coincide com a maior intensidade da atuação do coletivo *Design Ativista*.

Elaborada a partir de quatro colunas (nome, *user* do *Instagram*, breve biografia e exemplo de design), a tabela está dividida em duas frentes, sendo uma a dos atores indígenas e a outra a dos não indígenas. Cabe destacar que utilizamos o coletivo *Design Ativista* como instrumento de identificação dos atores, levando em consideração o número de seguidores e quantas vezes o artista foi mencionado pelo perfil.

No mapeamento identificamos um total de 28 artistas, sendo 24 não-indígenas e 4 indígenas. E, a partir dele, com a utilização de ferramentas como o *Google Notícias* e o *Google Imagens*, mapeamos notícias - considerando o veículo, aprofundamento e ênfase

⁴ Tabela: <https://drive.google.com/file/d/1F8y2SZGSZ5YKvjrpmMAH8uFVfKqj5JII/view?usp=sharing>. Em função do tamanho e da quantidade de imagens, disponibilizamos o arquivo em endereço eletrônico de acesso aberto a fim de apresentar parte importante do processo de análise que resultou neste trabalho.

das matérias – com a finalidade de observar o alcance das ações de design ativista para além do *Instagram*. Na ocasião, selecionamos e analisamos 3 artistas – Cristiano Siqueira, Jefferson Corsi e Moara Tupinambá –, porque os designs figuraram sob diferentes veículos e propostas.

Como destaca Maria da Glória Gohn, com relação à América Latina, são os movimentos indígenas que “têm dado novo sentido aos problemas sociais da região e chamado atenção no plano global” (GOHN, 2012, p. 69). Para Gohn e Lucas Milhomens, em relação ao movimento indígena contemporâneo, “vários destes grupos começaram a se apropriar dessa nova tecnologia comunicacional [internet], criando diferentes repertórios de atuação e mobilização” (GOHN; MILHOMENS, 2018, p. 30).

Com a popularização da rede mundial de computadores, Gohn e Milhomens defendem que o movimento indígena do Brasil e do mundo ganhou uma nova dinâmica, visto que a internet é essencial “na divulgação das pautas desses movimentos, na articulação de protestos e na produção de material educativo e propagandístico” (GOHN; MILHOMENS, 2018, p.23). Poliene Bicalho destaca que a participação de indígenas na mídia é “um forte aliado da conscientização da sociedade para a causa indígena” (BICALHO, 2010, p.89).

Como ressalta Taís Salomão (2021), os esforços para amplificar a pauta dos movimentos indígenas no Brasil têm sido ampliados, principalmente por meio do design ativista. Sobre o design, percebe-se que ele passou a servir como artifício capaz de propagar bandeiras e sugerir rupturas. O fenômeno segue os princípios apontados por Ruben Pater (2020), que mostra que o design pode ter funcionalidades para além da comercial, contribuindo para a manutenção de mecanismos de poder, mas também de forma propositiva, com a propagação de mensagens que dão visibilidade a outras maneiras de ser e pensar.

Com mais de 120 mil seguidores, Cristiano Siqueira (@crisvector), ou Cris Vector, é ilustrador e designer gráfico. Nos últimos anos, ele ganhou notoriedade ao produzir peças artísticas denunciando as ações governamentais do ex-presidente Bolsonaro, o que chamou a atenção de veículos independentes, como a *Mídia NINJA*. Ele produz designs sobre diversas temáticas, entre elas a indígena. Observando a repercussão do design ativista indígena do Cris Vector para além do *Instagram*, podemos citar dois casos:

a) em maio de 2020, a *Mídia NINJA* divulgou uma entrevista⁵ com a única mulher de origem indígena e periférica da bancada do Partido dos Trabalhadores (PT) na Câmara Municipal de São Paulo, Juliana Cardoso. Apesar do foco da matéria não ser a questão indígena em si, é interessante observar que o designer a ilustrou com elementos que a caracterizam e a associam à causa indígena, como o cocar e pinturas faciais.

b) em junho de 2022, no contexto do desaparecimento do indigenista brasileiro Bruno Pereira e do jornalista britânico Dom Phillips no Vale do Javari, a segunda maior terra indígena do Brasil, Cris Vector produziu uma arte gráfica que até hoje possui repercussão na mídia nacional (como *Amazônia Real*, *Correio Braziliense*, *O Globo*, *UOL*, entre outros) e internacional (como *The Guardian*). Nesta situação, apesar dos protagonistas não serem indígenas, o movimento indígena é retratado de modo indireto, já que os atores estavam em uma expedição que buscava compreender a situação dos indígenas na região amazônica.

Assim como Cris Vector, o artista independente Jefferson Corsi (@jeffcorsi) produz designs sobre diversas temáticas, entre elas a indígena. Com mais de 30 mil seguidores, ele participou do 93º ensaio do projeto “Futuro do Presente, Presente do Futuro”⁶, do *Jornalistas Livres*, em janeiro de 2021. Entre as personalidades retratadas, temos as indígenas Sônia Guajajara e Célia Xakriabá. Esse projeto é interessante porque ilustra a projeção do design como um instrumento jornalístico, haja vista que une o design ao jornalismo independente.

Com mais de 25 mil seguidores, Moara Tupinambá (@moaratupinamba) é mulher indígena e artista visual com destaque no cenário midiático. Assim como a sua obra que percorre por temas como memória, identidade, ancestralidade, resistência indígena e pensamento anticolonial, as matérias nas quais o seu design é veiculado também procuram enaltecer essas temáticas, além de divulgar o trabalho da artista, como é o caso da notícia veiculada na revista *Claudia*⁷ que une ambos os aspectos citados.

Para além da tese defendida por Ruben Pater (2020), compreendemos que, à medida que o design ativista fortalece a visibilidade de narrativas não preponderantes nas

⁵ <https://midianinja.org/juanmanueldominguez/o-impeachment-depender-da-uniao-da-esquerda-e-da-direita-democratica-entrevista-com-juliana-cardoso/>

⁶ <https://jornalistaslivres.org/projeto-futuro-do-presente-presente-do-futuro-93-jefferson-corsi-forcas-e-potencias-do-agora-e-do-futuro/>

⁷ <https://claudia.abril.com.br/sua-vida/artista-exprime-sua-origem-indigena-em-obras-empoderadas/>

mídias, ele cumpre a sua missão no âmbito social, especialmente quando levamos em consideração os benefícios desse fenômeno para a democracia. Apesar do design não aparecer frequentemente na mídia tradicional, fato é que ele aparece e isso tem contribuído para dar visibilidade ao movimento indígena.

A partir do mapeamento realizado, observamos que é comum a superficialidade na abordagem das matérias em que o design ativista indígena aparece, visto que é apenas uma tentativa de divulgar o trabalho do artista, o que torna o uso do design meramente ilustrativo. No entanto, ainda assim, projetos como o “Futuro do Presente, Presente do Futuro”, do *Jornalistas Livres*, mostram que a união entre o design e o jornalismo pode ser imprescindível para impulsionar pautas referentes aos indígenas. Quando as artes adquirem poder de síntese e adicionam valor à causa que está sendo divulgada, o design entra como complemento à matéria. Por fim, quando os artistas se tornam mais conhecidos, como é o caso de Moara Tupinambá, os trabalhos visuais se tornam o motivo principal dos textos noticiosos e estabelecem nesse caso papel principal.

REFERÊNCIAS

BICALHO, Poliene Soares dos Santos. **Protagonismo indígena no Brasil**: movimento, cidadania e direitos (1970-2009). 2010. 464 f., il. Tese (Doutorado em História) -Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <<https://repositorio.unb.br/handle/10482/6959>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

BRIGHENTI, Clovis Antonio; HECK, Egon Dionisio (Org.). **O Movimento Indígena no Brasil**: da Tutela ao Protagonismo (1974-1988). Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021. Disponível em: <<https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6283>>. Acesso em: 20 set. 2022.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil**: história, direitos e cidadania. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

DESIGN Ativista. **Medium**, 2020. Disponível em: <<https://medium.com/news-quarentena/design-ativista-acb79ec0739c>>. Acesso: 10 fev. 2022.

DOMÍNGUEZ, Juan. O impeachment depende da união da esquerda e da direita democrática; entrevista com Juliana Cardoso. **Mídia NINJA**, 2020. Disponível em: <<https://midianinja.org/juanmanuelpdominguez/o-impeachment-depende-da-uniao-da-esquerda-e-da-direita-democratica-entrevista-com-juliana-cardoso/>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Layola, 2012.

JUSTIÇA nega pedido de liberdade a acusados por mortes de Dom e Bruno. **UOL**, 2022. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/10/28/dom-e-bruno-justica-nega-pedido-de-liberdade-a-acusados-dos-assassinatos.htm>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MACHADO, Almiros Martins. **Movimento indígena ou indígenas em movimento.** MovimentoAção, [S. l.], v. 4, n. 06, p. 165–177, 2017. DOI: 10.30612/mvt.v4i06.7545. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/movimentacao/article/view/7545>>. Acesso em: 20 set. 2022.

MARACCINI, Gabriela. **Artista exprime sua origem indígena em obras empoderadas.** Claudia, 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/sua-vida/artista-exprime-sua-origem-indigena-em-obras-empoderadas/>>. Acesso em: 01 abr. 2023.

MOVIMENTO e organizações indígenas no Brasil. **Conselho Indigenista Missionário**, 2008. Disponível em <<https://cimi.org.br/2008/07/27614/>>. Acesso em: 20 set. 2022.

MILHOMENS, Lucas; GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e Amazônia:** da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade. Cadernos CERU, série 2, vol. 29, n. 2, dez. de 2018. Disponível em <<https://www.academia.edu/43619137/>>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PATER, Ruben. **Políticas do design.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.

SALOMÃO, Taís Aline Baptista. **Indígena é indígena em qualquer lugar:** Design Ativista para a Resistência Indígena em Contexto Urbano. 2021. 207 p. Trabalho Conclusão de Curso (Bacharelado em Design Visual) – Faculdade de Arquitetura, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/229751/001131263.pdf>>. Acesso em: 13 fev. 2022.

SATO, Fernando. Projeto Futuro do Presente, Presente do Futuro #93 – Jefferson Corsi: Forças e Potências do Agora e do Futuro. **Jornalistas Livres**, 2021. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/projeto-futuro-do-presente-presente-do-futuro-93-jefferson-corsi-forcas-e-potencias-do-agora-e-do-futuro/>>. Acesso em: 01 abr. 2023.